ISSN: 2358-8829

MOVIMENTOSSABERES EM DANÇA: A LIGA BRASILEIRA DE LÉSBICAS E MULHERES BISSEXUAIS COMO TERRITÓRIO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes) [1]
Zuleide Paiva da Silva [2]

ANTES DO PRIMEIRO PASSO

Uma professora sapatão chega à Bahia com malas, perguntas e o desejo de compreender o próprio lugar no mundo. Vem para o mestrado, mas encontra uma formação que começa antes da sala de aula: no acolhimento, na conversa e no convite para integrar uma rede de lésbicas e mulheres bissexuais. A universidade não desaparece dessa cena. Ela se enlaça à casa, ao movimento e às experiências que ensinam a reconhecer a própria existência como questão política. É nesse encontro que este texto começa a dançar.

Este trabalho tem como objetivo compreender como a Liga Brasileira de Lésbicas e Mulheres Bissexuais (LBL) participa da formação política e pedagógica de uma professora sapatão, em articulação com sua trajetória no mestrado profissional em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Constitui um recorte da pesquisa de autora, Sousa (2026), orientada por Zuleide Paiva da Silva, e focaliza a LBL como território educativo e produtor de movimentossaberes. Perguntamos: o que se aprende quando a experiência de ser sapatão encontra uma rede de ação coletiva, e como esses aprendizados deslocam os sentidos de formar-se professora?

Este texto retoma o movimento “Raízes e Asas, Sapatão”, da dissertação, no qual a primeira autora narra sua chegada a Salvador e seu encontro com a LBL. Essa narrativa e o poema “Se Liga, Sapatão” constituem o núcleo experiencial aqui retomado. Não pretendemos oferecer um retrato de toda a rede, tampouco falar em nome de suas integrantes. Interessa-nos uma experiência situada, cuja elaboração permite acompanhar passagens entre solidão,

[1] Poeta sapatão ativista. Mestra em Educação e Diversidade pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XIV, Conceição do Coité, eusendoliz@gmail.com;
[2] Lésbica feminista ativista. Doutora em Difisuão do Conhecimento (UFBA). Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XIV, Conceição do Coité e do Programa Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED), eidepaivasilva@gmail.com

ISSN: 2358-8829

pertencimento e ação política, discutindo o que nelas pode ser reconhecido como formação docente.

Para isso, conversamos com Nilma Lino Gomes (2019), que compreende o Movimento Negro como ator político, educador e produtor de saberes emancipatórios. Sua contribuição desloca o lugar atribuído aos movimentos sociais no campo educacional: eles não são somente destinatários de políticas ou objetos de investigação, mas sujeitos que produzem conhecimentos e interrogam instituições. Essa perspectiva nos ajuda a perguntar pela dimensão educadora da LBL, sem converter movimentos distintos em experiências equivalentes. A história da luta negra, suas formulações e seu enfrentamento ao racismo possuem especificidades que não podem ser dissolvidas em uma teoria genérica da resistência.

O diálogo com Gomes (2019) exige reconhecer que saberes produzidos na luta têm condições históricas de emergência, sujeitos e disputas. Ao nos aproximarmos dessa discussão, não transportamos automaticamente suas categorias para a LBL. Retemos um questionamento: quais aprendizagens uma organização política produz ao disputar as formas pelas quais seus sujeitos são nomeados, representados e autorizados a existir? Na experiência aqui analisada, essa questão se desdobra no reconhecimento de si como sapatão, na construção de vínculos e na compreensão de que formação também acontece na organização coletiva.

A investigação de Zuleide Paiva da Silva (2017a) sobre as organizações lésbicas da Bahia oferece sustentação histórica a esse percurso. Ao trazer essas organizações para o campo da produção de conhecimento, a autora enfrenta o apagamento de suas memórias, práticas e formas de articulação. Em seu artigo intitulado “LBL - Liga Brasileira de Lésbicas: organização e luta política”, Silva (2017b) discute diretamente a dimensão formativa da rede, reconstruindo sua organização, seus princípios e suas lutas por visibilidade e bem viver. Nosso trabalho se aproxima dessa discussão e a retoma pela experiência de uma professora em formação que encontra na rede possibilidades de aprender, criar e se reconhecer politicamente.

Conforme Silva (2017), a criação da LBL se vincula ao III Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, em 2003, em articulação com a oficina de Visibilidade Lésbica. A rede se constitui em meio a demandas por autonomia e visibilidade, tensionando apagamentos presentes tanto em espaços feministas quanto em organizações LGBT. Esse percurso importa porque situa o acolhimento narrado neste artigo em uma história coletiva. O convite dirigido a

ISSN: 2358-8829

uma mulher não começa nem termina nela: chega carregado de organizações, conflitos e esforços de outras que abriram caminhos.

Usamos a denominação Liga Brasileira de Lésbicas e Mulheres Bissexuais, presente na experiência narrada, preservando nos títulos das referências a nomenclatura de suas publicações. Reconhecer a presença de mulheres bissexuais também implica não dissolvê-las em uma identidade lésbica presumidamente universal. A coalizão reúne diferenças; sua potência formativa depende de como essas diferenças podem falar e participar, sem que pertencimento se converta em exigência de uniformidade.

Em Sousa (2026), movimentossaberes nomeiam conhecimentos que se tecem na experiência, na relação e nos deslocamentos entre academia e movimentos sociais. A grafia reunida assinala uma recusa a separar o saber dos corpos e das práticas que o fazem existir. Neste texto, o conceito permite ler o acolhimento, a escuta, a participação e a escrita como movimentos em que aprender e transformar-se acontecem juntos. Não basta, porém, nomear qualquer encontro como formativo: é necessário acompanhar quais sentidos se alteram, quais relações se estabelecem e que possibilidades de ação se tornam pensáveis.

Nossa discussão aponta que a LBL participa da formação ao produzir reconhecimento, oferecer uma memória política e abrir condições coletivas para a palavra e a criação. Esses processos tensionam uma formação docente restrita aos espaços certificados, mas não dispensam os conhecimentos e as responsabilidades da universidade. O que emerge é uma relação: a professora se forma nos encontros entre espaços, levando perguntas de um para outro e aprendendo a ler criticamente as condições de sua própria presença.

O CORPOPOESIA TECENDO O CAMINHO

O texto realiza uma retomada qualitativa e interpretativa de um recorte da dissertação de Sousa (2026), tendo como núcleo a narrativa “Raízes e Asas, Sapatão” e o poema “Se Liga, Sapatão”, que compõem a dissertação. Esses materiais são lidos em diálogo com a discussão metodológica da própria dissertação e com as contribuições de Gomes (2019) e Silva (2017a; 2017b). Não apresentamos uma nova produção de dados nem um levantamento de integrantes da LBL. Nosso foco está na elaboração narrativa da experiência da primeira autora e nos sentidos formativos que ela permite discutir.

A pesquisa mais ampla foi construída nos nós entre academia, movimentos sociais e extensão universitária. A dissertação registra a participação de cinco estudantes negras lésbicas, de licenciaturas em História e Pedagogia, de três campi da UNEB, além de

ISSN: 2358-8829

experiências compartilhadas em ações da LBL e nos encontros de lésbicas e mulheres bissexuais da Bahia. Esses elementos situam o campo em que a autora se formou e produziu a pesquisa. Neste trabalho, entretanto, não analisamos individualmente as narrativas dessas estudantes, nem fazemos afirmações sobre suas trajetórias a partir da cena autobiográfica selecionada.

A epistemologia poéticaerótica sapatão feminista, tecida por Sousa (2026), sustenta nossa posição de conhecimento. Trata-se de reconhecer a experiência corporificada e implicada como lugar de produção de saber, recusando a exigência de neutralizar o corpo, o desejo e a relação para que a escrita seja considerada legítima. Poéticaerótica designam forças de criação e implicação que atravessam o conhecer; não são um enfeite acrescentado a uma análise já pronta. A experiência ganha elaboração conceitual quando seus afetos e suas tensões encontram linguagem e podem ser colocados em discussão.

Nesse horizonte, o corpopoesia opera como dispositivo metodológico que articula memória, escuta, escrita, criação e reflexão política. A epistemologia orienta o que reconhecemos como conhecimento e como nos responsabilizamos por produzi-lo; o dispositivo oferece caminhos para trabalhar as experiências e fazer circular seus sentidos. Essa distinção ajuda a compreender por que uma narrativa e um poema podem compor o trabalho sem que sejam reduzidos a ilustrações. Ao escolher palavras, construir cenas e deslocar lembranças para a página, a autora também interpreta o vivido e se interroga sobre ele.

Na dissertação, o recurso à autoficção permite compor acontecimentos, atmosferas e diálogos, produzindo uma escrita em que experiência e criação se entrelaçam. Por isso, as conversas narradas não são tratadas aqui como transcrições literais, entrevistas ou atas. Os diálogos pertencem à elaboração literária da experiência, e sua leitura exige essa marcação. A potência da cena está em tornar discutíveis os sentidos do encontro, não em provar que cada frase foi pronunciada exatamente como aparece na página. Preservar essa diferença é parte do rigor e do cuidado com as pessoas nomeadas.

O corpopoesia também organiza a forma do texto. A abertura situa o problema e seus diálogos teóricos; a metodologia explicita a posição de conhecimento e o modo de leitura; a discussão aproxima fragmentos narrativos, elaboração conceitual e reflexão formativa. A alternância entre a primeira pessoa da experiência e a voz compartilhada da análise é deliberada: o “eu” corresponde à trajetória de Liz, primeira autora, enquanto o “nós” marca a elaboração do texto em coautoria. A dimensão coletiva da pesquisa não autoriza atribuir a ambas a mesma experiência biográfica.

ISSN: 2358-8829

O recorte exige, ainda, limites éticos e interpretativos. Não acrescentamos depoimentos de participantes, não apresentamos falas recompostas como registros documentais. A interseccionalidade, assumida na dissertação como princípio ético-político (Silva, 2020), orienta a atenção às diferenças de raça, classe, geração e território, além de ser percebida como uma práxis e um movimento crítico, como nos convida a refletir Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2020). Assim, a interseccionalidade impede que uma experiência de pertencimento seja tomada como medida de todas as lésbicas ou que a defesa de uma rede oculte suas possíveis contradições.

RAÍZES E ASAS SAPATÃO: CHEGAR E ENCONTRAR UM LUGAR NA RODA

DESCI DO ÔNIBUS COM UMA MOCHILA NAS COSTAS, a esperança entre os dedos e os sonhos ramificados dos pulmões até os pés. Peguei as malas e o rebuliço no estômago intensificou: a rodoviária estava cheia de pessoas andando com muita pressa de um lado para outro. Fiquei parada por uns 10 minutos, respirando profundamente e, quase inspirando entre palavras, disse: “Salvador é imenso!”. Puxando as malas entre a correria das pessoas e pensando nas pouquíssimas movimentações nas ruas de Floriano, Piauí, consegui chegar a uns banquinhos.

Sentei-me lá e fiquei, com as pernas tremendo, esperando Eide Paiva e Amélia Maraux me buscarem. Vim para fazer o mestrado profissional no Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XIV, em Conceição do Coité. Mas, na verdade, minha coragem para sair da sombra do alaranjado do pôr do sol e me arriscar nas águas doces e salgadas da Bahia era muito mais do que a busca por um diploma: desejava sair da sombra, procurava respostas para minhas dúvidas, almejava espaçotempo... queria, como quem está com muita sede, me compreender no meio de tudo.

Fui acolhida no lar da minha orientadora e de sua amada. Entre afetos e o aconchego de uma cama enorme, elas conversavam, em uma noite de sexta-feira, com muito entusiasmo sobre feminismos e resistências lésbicas, a partir dos movimentos sociais.

— Liz — disse Eide Paiva — você participa de algum movimento de lésbicas?

— Não — falei com a vergonha do mundo... — eu nunca tive a oportunidade.

ISSN: 2358-8829

Eide e Amélia ficaram me olhando. Não sabia se estavam com pena de mim ou tentando acreditar nas possíveis razões do meu não ingresso em movimentos sociais que pautavam as lutas e resistências das lesbianidades e sapatonices.

— Você já ouviu falar na Liga Brasileira de Lésbicas e Mulheres Bissexuais (LBL)?

— Infelizmente, nunca tinha ouvido falar.

Baixei a cabeça e naquele exato momento queria ser enterrada viva. Como posso não saber dos movimentos sociais de lésbicas sapatão? Que merda! Eide se reposicionou no sofá e começou a falar:

— Então, a Liga Brasileira de Lésbicas iniciou sua tecitura em 2003, no III Fórum Social Mundial (FSM), realizado em Porto Alegre, durante a oficina de Visibilidade Lésbica realizada no Planeta Arco-Íris, um espaço da diversidade organizado pelos movimentos LGBT. É uma rede feminista de âmbito nacional, constituída por Lésbicas e Mulheres Bissexuais, articulando grupos, movimentos, entidades, lésbicas sapatão e mulheres bissexuais autônomas/independentes. Apresenta-se como um espaçotempo de articulação política contra todas as opressões do patriarcado, do racismo e do heterossexismo. Nós nos reunimos, debatemos, construímos. É um espaçotempo nosso. É afeto e política.

Ouvi aquelas palavras-experiências rasgando meu corpomundo com uma intensidade nunca imaginada. Nunca tinha feito parte de nada assim. No Piauí, depois de 2016, quando finalmente reivindiquei minha sexualidade, ela deixou de ser um segredo guardado a sete chaves – todas pessoas sabiam que eu era sapatão. O que não consegui, porém, foi outra coisa: nunca fiz parte de um movimento, de uma rede lesbosapafeminista. Mas aqui, na Bahia, com Eide e Amélia, comecei a sentir que poderia ser diferente. Eide, com um sorriso largo no rosto, perguntou:

— Você quer fazer parte da LBL?

Nem respirei, as palavras-experiências já estavam gritando pela boca: – Sim! Quero sim. Muito. É, quero participar. Sim, sim!

Elas ficaram sorrindo e a noite, naquela sexta-feira, começou a cantarolar as melodias de experiências desconhecidas, mas que percorrem todo o meu corpomundo: pela primeira vez, iria fazer parte de uma rede lesbosapafeminista. Fui me deitar com a cabeça fervilhando e questionamentos apareceram tomando conta do quarto: o que significava ser e fazer parte de uma rede de lésbicas sapatão e mulheres bissexuais como essa? Poderia, finalmente, deixar de me sentir sozinha no mundo?

Os dias foram passando e fui participando dos encontros, das ações. Sentindo-me cada vez mais parte de uma revolução formativa política afetiva. Os encontros, com cheiro e sabor

ISSN: 2358-8829

de café forte, as risadas soltas, os corposmundos entrelaçados, discutiam, sonhavam e desejavam juntas. Ali, no meio daquelas lésbicas sapatão e mulheres bissexuais que se anunciavam com orgulho, sentimentos germinaram e floresceram dentro de mim: talvez, pela primeira vez, tivesse encontrado um lugar para chamar também de meu. E em poesias, declarei minha existência sapatão política, pois a LBL se tornou, também, meu campo de pesquisa no mestrado.

Se Liga, Sapatão

Foi nos direitos a nós negados
que nasceu fios de alianças.
No Fórum Social Mundial
se sonhava e desejava
com formação política
germinando revolução.
Vem, sapatão, chega perto,
Fazer parte dessa história que também é tua.
Na força, coragem e rebeldia
que surge de quem vai além,
teu nome é canto-grito de luta.
Vozes erguidas, corpos rentes
por justiça, informação,
visibilidade e vida
digna para nós
Emergem as lutas na Bahia
e em tantos cantos,
Na LBL, não há um centro a dominar,
somos rede,
espaços de afeto e política
autonomia e força,
relações horizontais para caminhar.
Vem, sapatão, chega perto,
Fazer parte dessa história que também é tua.

ISSN: 2358-8829

Na força, coragem e rebeldia
que surge de quem vai além,
teu nome é canto-grito de luta.
Somos contra todas as opressões
que o sistema cisheteronormativo insiste em impor.
Contra quem quer nos silenciar, aniquilar
e apagar a história e da memória
nossa existência.
Para cada uma que chega,
Entre abraços e boas-vindas de chegança
formação afeto política vamos repartir.
Afinal, aqui, sapatão tem história,
tem espaço, lugar, presente e porvir.
Vem, sapatão, chega perto,
Fazer parte dessa história que também é tua.
Na força, coragem e rebeldia
que surge de quem vai além,
teu nome é canto-grito de luta.
Somos muitas, diversas,
em luta e resistência,
Nossos princípios, faróis de possíveis,
corpos em dança, coragem que insiste.
Dos princípios que nos guiam
Autonomia, autodeterminação e liberdade,
Pluralismo, Democracia, Solidariedade,
Transparência, Horizontalidade,
Liberdade de orientação e expressão afetivo-sexual,
Visibilidade, Afetividade, Coletividade,
Defesa do Estado Laico, Posição antirracista,
e Posição anticapitalista,

ISSN: 2358-8829

assim seguimos, em rede, em encantamento.

Cada passo, um espaço, um ato, um grito... insurgência.

Luta que insiste, liga que enlaça

Existimos, porque resistimos juntas!

Vem, sapatão, chega perto,

Fazer parte dessa história que também é tua.

Na força, coragem e rebeldia

que surge de quem vai além,

teu nome é canto-grito de luta.

APRENDER A HISTÓRIA QUE TAMBÉM NOS CONSTITUI

Na narrativa “Raízes e Asas, Sapatão”, a chegada de Liz à Bahia entrelaça o desejo de cursar o mestrado e a procura por um lugar no mundo. Ao deixar Floriano, no Piauí, encontra em Salvador uma cidade que parece exceder seus passos. A memória começa no corpomundo: pernas que tremem, respiração que procura ritmo, esperança carregada junto às malas. O deslocamento territorial abre uma experiência formativa que ganha outros sentidos no encontro com a LBL.

A casa da orientadora torna-se, nessa elaboração narrativa, lugar de acolhimento e conversa. Eide Paiva e Amélia Maraux, ambas professoras lésbicas da Universidade do Estado da Bahia, apresentam a rede e convidam Liz a participar. Antes do entusiasmo, aparece a vergonha de desconhecer aquele movimento. Essa passagem evidencia uma distância entre assumir-se sapatão e encontrar condições para integrar uma organização coletiva. O desconhecimento não constitui falta individual: remete também à circulação desigual de informações e às possibilidades territoriais, materiais e afetivas de acesso às redes. O convite oferece uma experiência até então vivida como solidão.

O acolhimento torna-se formativo quando abre caminho à participação e permite relacionar a própria vida a uma história de direitos negados e respostas coletivas. Gomes (2019), ao compreender o Movimento Negro como educador e produtor de saberes emancipatórios, ajuda a reconhecer que a luta também transforma as interpretações sobre o mundo. Preservadas as especificidades históricas dos movimentos, essa contribuição permite perguntar o que a LBL ensina ao deslocar experiências do isolamento para a ação coletiva. Na

ISSN: 2358-8829

trajetória narrada, aprender politicamente envolve reconhecer-se como parte de uma história e produzir outras perguntas sobre a própria formação.

Essa história antecede o encontro de Liz com a rede. Silva (2017a; 2017b) situa a organização lésbica na Bahia e reconstrói a constituição da LBL, vinculada ao III Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, em 2003. As demandas por autonomia e visibilidade tensionam apagamentos também presentes em organizações mistas. Conhecer esse percurso é aprender a interrogar quem define prioridades, quais experiências recebem atenção e como sujeitos historicamente silenciados conquistam expressão política. A conversa doméstica é política. Põe em circulação uma memória produzida por muitas outras mulheres.

Na poesia “Se Liga, Sapatão”, o chamado “Vem, sapatão, chega perto” reelabora esse aprendizado como convite. A escrita permite acompanhar como a história coletiva é recebida e transformada em linguagem por quem chega. Os princípios enunciados na poesia, como autonomia, horizontalidade e enfrentamento ao racismo, expressam compromissos que precisam ser examinados nas práticas. Reconhecer a dimensão educadora da rede inclui discutir assimetrias, condições de participação e diferenças entre mulheres negras e brancas, lésbicas e bissexuais, de gerações e territórios diversos. O pertencimento não apaga essas diferenças; exige responsabilidade diante delas.

A participação na LBL retorna à escrita como possibilidade de anunciar uma existência sapatão política. Em Sousa (2026), narrar a chegada, o convite e os encontros já constituem uma operação interpretativa: a autora seleciona acontecimentos e lhes atribui sentidos formativos. O corpopoesia permite trabalhar a implicação sem retirar da cena o tremor, a vergonha ou o entusiasmo. Na epistemologia poéticaerótica sapatão feminista, corpo, desejo e relação participam do conhecimento. O desejo mobiliza aproximação e criação, mas sua realização depende também de tempo, recursos e condições concretas para permanecer.

Nesse processo, delineia-se uma posição pedagógica sapatão comprometida com o enfrentamento de apagamentos e violências. Ela não decorre automaticamente da orientação sexual: práticas antirracistas, democráticas e acolhedoras exigem aprendizagem e revisão. A experiência abre perguntas sobre quem pode produzir conhecimento e quais vidas encontram reconhecimento na formação. A LBL, como sujeito cognoscente, tecendo redes de conhecimento com a universidade, tensiona seus critérios de legitimidade. Essa relação demanda responsabilidade, para que os movimentossaberes produzidos preservem as experiências situadas, as memórias e amplie sua circulação sem reduzir o movimento social lesbofeminista a fornecedor de histórias.

ISSN: 2358-8829

Acolhimento, memória política e escrita compõem, assim, um mesmo percurso formativo. Na trajetória da primeira autora, a rede permite transformar a solidão em vínculo e a experiência em questão de pesquisa. Esses movimentossaberes ampliam os espaçostempos reconhecidos como educativos e interrogam as condições de escuta e participação que oferecemos a outras pessoas. A professora se forma também quando aprende a ler sua presença na universidade a partir das relações que a sustentam. Entre o convite e a palavra escrita, o encontro produz conhecimento e desloca os sentidos de ensinaraprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – A DANÇA SEGUE ABERTA

Chegamos ao final retomando a pergunta sobre o que se aprende quando a experiência de ser sapatão encontra uma rede de ação coletiva. Na trajetória refletida, o encontro com a LBL permite relacionar uma história singular a uma memória política, transformar a solidão em possibilidade de vínculo e reconhecer a criação como parte da produção de conhecimento. Esses deslocamentos sustentam a compreensão da rede como território formativo em articulação com o percurso universitário da primeira autora.

O diálogo com Silva (2017a; 2017b) impede que o encontro seja separado da história de organização lésbica que o torna possível. A contribuição de Gomes (2019) ajuda a reconhecer a dimensão epistemológica dos movimentos, preservando a especificidade do Movimento Negro e de seus saberes. Com Sousa (2026), acompanhamos como a epistemologia poéticaerótica sapatão feminista e o dispositivo do corpopoesia permitem trabalhar uma experiência implicada, fazendo da linguagem um lugar de elaboração e de reflexão sobre a formação.

Para a universidade, essa discussão convida a reconhecer os movimentos sociais como interlocutores na produção de saberes e a construir relações de pesquisa e extensão que não se esgotem na extração de relatos. Para novos estudos, fica aberta a investigação dos modos pelos quais esses aprendizados participam de práticas educativas concretas, incluindo suas tensões e condições de realização. O pertencimento importa, mas precisa continuar sendo interrogado pelas diferenças e pelas desigualdades que atravessam as redes.

A professora que chegou com as malas não encontrou respostas prontas. Encontrou outras perguntas, uma história e corpos com quem aprende a caminhar. Se há uma dança neste texto, ela está nesse deslocamento: a formação deixa de caber somente no diploma e passa a ser reconhecida também nos encontros que nos fazem responder pela vida que partilhamos. A

música segue porque a experiência não encerra o pensamento; oferece chãomundo para que ele continue.

Palavras-chave: Movimentos sociais, LBL, Formação docente, Movimentossaberes, Epistemologia sapatão.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), pela concessão da bolsa de mestrado que apoiou a pesquisa da qual este trabalho constitui um recorte. Ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia (PPGED/UNEB), Campus XIV, às integrantes da Liga Brasileira de Lésbicas e Mulheres Bissexuais, pelas relações e experiências que sustentam esta trajetória de formação e pesquisa, e a minha orientadora que se tornou minha amiga: grata por me ajudar a sonhar e fazer do sonho um direito.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. - 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2019. Edição digital.

SILVA, Zuleide Paiva da. **“Sapatão não é bagunça”:** estudo das organizações lésbicas da Bahia. 2016. Tese (Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SILVA, Zuleide Paiva da. LBL – Liga Brasileira de Lésbicas: organização e luta política. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 7, p. 20–53, maio/out. 2017. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/21650. Acesso em: 29 out. 2026.

SILVA, Zuleide Paiva da. Interseccionalidade como princípio do campo feminista. *In:* SILVA, Ana Lúcia Gomes da; SILVA, Jerônimo Jorge Cavalcante; SILVA, Vitor Amar (org.). **Interseccionalidades em pauta:** gênero, raça, sexualidade e classe social. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 273-290.

SOUSA, Maria Lizandra Mendes de. **Das margens aos movimentossaberes de professoras em formação:** por uma epistemologia poéticaerótica sapatão feminista. 2026. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) – Universidade do Estado da Bahia, Conceição do Coité, 2026.